

EMBARGO: 25 de outubro de 2023, 06h00 CET (hora da Europa Central)

As pessoas de ascendência africana na UE enfrentam cada vez mais racismo

Quase metade das pessoas de ascendência africana na UE passam por racismo e discriminação na sua vida quotidiana — um aumento relativo a 2016. O assédio racista e a caracterização étnica são também comuns, especialmente entre os jovens, segundo um novo inquérito da Agência dos Direitos Fundamentais da União Europeia (FRA). A FRA apela aos países da UE para que tomem medidas urgentes para combater a discriminação racial e o assédio, a fim de garantir que todos sejam tratados com igualdade e dignidade.

O segundo relatório da FRA «[Ser negro na UE](#)» destaca as experiências das pessoas de ascendência africana na UE. Mostra que, apesar da legislação vinculativa contra a discriminação na UE em vigor desde 2000 e de desenvolvimentos políticos significativos, as pessoas de ascendência africana continuam a enfrentar racismo, discriminação e crimes de ódio:

- **Discriminação racial** – 45 % dos inquiridos afirmam terem sido vítimas de discriminação racial nos cinco anos anteriores ao inquérito, o que representa um aumento em comparação com os 39 % do [último inquérito da FRA](#). Na Alemanha e na Áustria, este número ultrapassa os 70 %. Na maioria das vezes, os inquiridos afirmam ser alvo de discriminação quando procuram trabalho ou alojamento. Os jovens e as pessoas com formação superior são os mais afetados. No entanto, a discriminação permanece invisível, uma vez que apenas 9 % a denunciam.
- **Assédio** – 30 % dos inquiridos dizem ter sido vítimas de assédio racista, mas quase ninguém o denuncia. As mulheres jovens, as pessoas com educação superior e as pessoas que usam vestuário religioso são mais suscetíveis de serem vítimas de assédio racial.
- **Definição de perfis raciais** – 58 % dos inquiridos afirmam que a última interpelação da polícia no ano anterior ao inquérito se deveu a caracterização racial. As pessoas que consideram que a sua interpelação foi feita com base em caracterização racial confiam muito menos na polícia.
- **Trabalho** – 34 % dos inquiridos sentiram-se alvo de discriminação racial ao procurar emprego e 31 % afirmam ter sido discriminados no próprio local de trabalho nos cinco anos anteriores ao inquérito. Em comparação com a população em geral, é mais provável que tenham apenas contratos temporários e que sejam demasiado qualificados para o trabalho que executam.

- **Habitação e pobreza** – a inflação crescente e o aumento do custo de vida colocou mais pessoas de ascendência africana em maior risco de pobreza, em comparação com a população em geral. Cerca de 33 % enfrentam dificuldades para fazer face às despesas quotidianas e 14 % não têm dinheiro para o aquecimento da sua casa, em comparação com 18 % e 7 % da população em geral. Encontrar um lugar para viver é, para muitos, difícil, com 31 % dos inquiridos a afirmarem ter sido vítimas de discriminação racial ao tentar encontrar alojamento.
- **Educação** – os jovens de ascendência africana têm três vezes mais probabilidades de abandonar precocemente a escola, em comparação com os jovens em geral. Em 2022, o número de pais que afirmam que os filhos foram vítimas de racismo na escola é superior relativo ao ano de 2016.

Para combater eficazmente o racismo e a discriminação, a FRA apela aos países da UE para que:

- apliquem adequadamente a legislação antidiscriminação, bem como sanções eficazes, proporcionais e dissuasivas;
- identifiquem e registem os crimes de ódio e considerem a motivação tendenciosa como circunstância agravante na determinação das sanções;
- recolham dados sobre a igualdade, incluindo sobre a «origem étnica ou racial», para avaliar a situação e acompanhar os progressos;
- assegurem que os organismos para a igualdade de tratamento disponham dos mandatos e dos recursos necessários para combater a discriminação e apoiar as vítimas;
- tomem medidas para prevenir e erradicar práticas e culturas institucionais discriminatórias no domínio da polícia, com base no [guia da FRA «Prevenir a definição ilícita de perfis»](#);
- desenvolvam políticas específicas para combater o racismo e a discriminação racial na educação, no emprego, na habitação e nos cuidados de saúde.

O presente relatório faz parte do terceiro inquérito da FRA à escala da UE sobre experiências de imigrantes e descendentes de imigrantes em toda a UE.

Analisa as respostas de mais de 6700 pessoas de ascendência africana que vivem em 13 países da UE: Alemanha, Áustria, Bélgica, Dinamarca, Espanha, Finlândia, França, Irlanda, Itália, Luxemburgo, Polónia, Portugal e Suécia.

Citação do diretor da FRA Michael O’Flaherty:

«É chocante constatar que não houve melhorias desde o nosso último inquérito em 2016. Pelo contrário, as pessoas de ascendência africana enfrentam cada vez mais discriminação apenas por causa da cor da pele. O racismo e a discriminação não devem ter lugar nas nossas sociedades. A UE e os seus Estados-Membros devem utilizar estas conclusões para melhor direcionar os seus esforços e garantir que também as pessoas de ascendência africana possam usufruir dos seus direitos livremente, sem racismo ou discriminação.»

Para mais informações, consulte as perguntas e respostas ou contacte: media@fra.europa.eu / Tel.: +43 1 580 30 653